

JOGOS DE LINGUAGEM E SEMÂNTICA ABORDADOS NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS E SUAS APLICAÇÕES NA LINGUAGEM COTIDIANA

Vanderlei de OLIVEIRA

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

prof.vanderleicap@hotmail.com

Resumo: O trabalho se realiza na análise dos escritos de Ludwig Wittgenstein, com relação aos jogos de linguagem e semântica abordados na sua obra Investigações Filosóficas. Nas IF, a visão de linguagem sofre uma mudança: Wittgenstein passa a ver a linguagem como “uso” e não mais somente como uma forma lógica de representar o mundo. Ele dá início a uma reviravolta pragmática e concebe, a partir de então, uma análise da linguagem em seu uso particular. Passa a trabalhar os conceitos acerca de jogos de linguagem, postulando que, para se entender uma determinada linguagem, há a necessidade de se entender primeiro o “uso” particular dela, levando assim em consideração o contexto no qual a linguagem é empregada. As Investigações Filosóficas aborda justamente a linguagem cotidiana, pois Wittgenstein não está mais preocupado em construir uma metalinguística, mas sim, mostrar que a partir do “uso” que se faz de uma determinada palavra, pode então estabelecer sua regra e essa palavra será compreendida, podendo haver a variação de contexto para cada uma delas.

Palavras-chave: jogo de linguagem; uso; Wittgenstein; metalinguística; contexto; linguagem cotidiana.

Em sua primeira fase Wittgenstein acreditava na possibilidade de uma metalinguística lógica capaz de purificar a língua cotidiana. Dados aos diversos equívocos acerca dos jogos de linguagem e suas funções na linguagem ordinária, concebe uma nova estrutura da língua a partir das Investigações Filosóficas.

Trataremos a linguagem, sua estrutura e as comparações advindas de Wittgenstein sobre os jogos e seus usos para observar uma reformulação do pensamento do filósofo em relação à linguagem, visto que ele dá maior ênfase à linguagem cotidiana a partir das Investigações Filosóficas que sobrepõe sua primeira visão de linguagem lógica. Ou seja, uma linguagem pura que pudesse purificar a linguagem cotidiana de seus equívocos.

Daí advém o termo usado por muitos outros pensadores, ‘Reviravolta Pragmática’, os quais trabalham essa ideia de possibilidade de se variar a semântica de uma linguagem, ou seja, a linguagem não tem mais unicamente o desafio de designar as coisas, mas sim de constituir as coisas.

Vemos que o significado de uma palavra é seu lugar em um jogo de linguagem. Pois as palavras só têm sentido porque há objetos que elas designam.

Existe um mundo em si que nos é dado independentemente da linguagem, mas que a linguagem tem a função de exprimir. Até então, Wittgenstein queria uma linguagem artificial, pois se a tivesse ela seria a medida de qualquer linguagem.

Nas IF Wittgenstein constata que as doutrinas de sua primeira obra se baseiam em uma imagem particular da essência da linguagem humana. Segundo ele, o domínio da linguagem não constitui somente o aprendizado dos nomes dos objetos, nesse sentido K. T. FANN

(1992) analisa a concepção de filosofia em Wittgenstein enfocando o significado-correspondência:

“É a teoria do significado-correspondência, cuja essência é: as palavras individuais em uma linguagem nomeiam objetos, o objeto que representa a palavra é seu significado”. (FANN, 1992, p. 84, Tradução nossa)¹.

Para ele o problema da linguagem privada está em relação aos aspectos da teoria do significado-correspondência. A definição ostensiva explica o uso – o significado – da palavra quando seu papel global na linguagem está claro.

Tendo tais argumentos como embasamento, Wittgenstein foi o primeiro filósofo a sugerir que em vez de se perguntar ‘o que é significado?’, deve-se então perguntar primeiramente ‘que é uma explicação de significado?’. Isso evita buscar o significado, mas sim a finalidade; o uso. Pois o uso só pode ser entendido em seu contexto – tanto linguístico como social.

[...]. Isto é pelo que Wittgenstein sugere que, em vez de comparar as relações entre a palavra e o significado à relação existente entre o dinheiro e a vaca que você pode comprar com ele, deveríamos compará-lo à relação existente entre o dinheiro e seu uso. (FANN, 1992, p. 90, Tradução nossa)².

É impossível obter significado de uma palavra sem uma devida e determinada contextualização, ou seja, o significado dela se dá no seu uso na linguagem. O autor compara ainda as palavras de uma linguagem com o conteúdo de uma caixa de ferramentas. Porque uma palavra se caracteriza por seu uso, sendo igual a um instrumento por sua função. Todos os instrumentos servem para modificarem algo. As orações podem ser entendidas como instrumentos e ferramentas iguais às palavras. Compreender uma oração é estar preparado para um de seus usos.

Percebe-se uma determinada imagem da essência da linguagem humana. Nesta imagem da linguagem encontram-se as raízes da ideia, ou seja, cada palavra tem sua significação agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui, pois quem descreve o aprendizado da linguagem num primeiro momento talvez pense em substantivos tais como: mesa, cadeira, pão, nomes de pessoas e aí sim em nomes de certas atividades e qualidades e nas demais espécies de palavras:

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases

¹ “Es la ‘teoría del significado-correspondencia’, cuya esencia es: las palabras individuales en un lenguaje nombran objetos, el objeto que representa la palabra es su significado”.

² “Esto es por lo que WITTGENSTEIN sugiere que, en vez de comparar con él, deberíamos compararlo a la relación existente entre el dinero y su uso” (8P.I., § 120)

diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos. (Ludwig, 1975, § 1).

Para Wittgenstein esse modo de encarar a estrutura da língua, ou seja, a forma de expressá-la é totalmente primitivo. Essas formas primitivas a criança utiliza quando está aprendendo a falar. Pois o ensino da linguagem não é nenhuma explicação, mas um treinamento. As crianças são educadas para executar essas atividades, para essas palavras ao executá-las, e para reagir assim às palavras dos outros.

Ele também chama de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Uma pessoa anuncia as palavras e outra pessoa age de acordo com elas. O mesmo acontece quando o professor aponta para a pedra. Bem como quando o aluno repete a palavra que o professor pronuncia, pois todos são processos de linguagem semelhantes. Chama também de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada.

Consideremos uma extensão da linguagem (2). Fora as quatro palavras “cubos”, “colunas”, etc., conteria uma série de palavras que seria empregada como o negociante no § 1 emprega os numerais (pode ser a série das letras do alfabeto); além disso, duas palavras, que podem ser “ali” e “isto” (porque isto já indica mais ou menos sua finalidade), e que são usadas em combinação com um movimento indicativo da mão; e finalmente um número de modelos de cores. A dá uma ordem da espécie: “d-lajota-ali”. Ao mesmo tempo faz com que o auxiliar veja um modelo de cor, e, pela palavra “ali”, indica um lugar da construção. Da provisão de lajotas, B toma uma da cor do modelo para cada letra do alfabeto até “d” e a leva ao lugar que A designa. – Noutra ocasião, A dá a ordem: “isto-ali”. Dizendo “isto”, aponta para uma pedra. Etc. (Ludwig, 1975, § 8).

Vê-se que algumas palavras necessitam de auxiliares para se significarem, não podendo ser isoladas, pois isto implicaria na sua significação e na compreensão. Dado ao fato que se assimila as descrições do uso das palavras umas com as outras, este uso não pode se tornar mais semelhante. Pois ele é totalmente dissemelhante.

Pense nas ferramentas em sua caixa apropriada: lá estão um martelo, uma tenaz, uma serra, uma chave de fenda, um metro, um vidro de cola, cola, pregos e parafusos. – Assim como são diferentes as funções desses objetos, assim são diferentes as funções das palavras. (E há semelhanças aqui e ali.) (Ludwig, 1975, § 11).

O que confunde é a uniformidade da aparência das palavras, quando são ditas ou quando elas estão presentes na escrita e na imprensa. Wittgenstein compara a cabina do maquinista de uma locomotiva, pois nela estão alavancas de mão que se parecerem mais ou menos. Porém, tem que se ter o cuidado, pois cada uma desempenha uma função própria dentro do contexto.

Existe diferentes pontos de vista segundo os quais pode-se repartir ferramentas em espécies de ferramentas, ou então, figuras de xadrez em espécies de figuras.

Wittgenstein compara a linguagem ao jogo de xadrez, considerando que as peças não representam coisa alguma fora do seu contexto. Cada peça do jogo só tem por significação a totalidade dos lances a que se presta no jogo. As regras do jogo da linguagem no jogo de

xadrez são autônomas e arbitrárias. Os jogos são livres criações e saber jogar uma técnica consecutiva a uma aprendizagem, ou seja, significar é saber usar uma regra.

Pode-se representar facilmente uma linguagem que consiste apenas de comandos e informações durante uma batalha. – Ou uma linguagem que consiste apenas de perguntas e de uma expressão de afirmação e de negação. E muitas outras. – E representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida. (Ludwig, 1975, § 19).

Quando se usa o termo jogo é necessário salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida, que estabelecem gramaticalmente modelos e regras de se dirigir às coisas.

Diz-se muitas vezes: os animais não falam porque lhes faltam as capacidades espirituais. E isso significa: “eles não pensam, por isso não falam”. Mas: eles não falam mesmo. Ou melhor: eles não empregam a linguagem – se abstrairmos as mais primitivas formas de linguagem. Comandar, perguntar, contar, tagarelar pertencem à história de nossa natureza assim como andar, comer, beber, jogar. (Ludwig, 1975, § 25).

O aprendizado da linguagem consiste no fato de se dar nomes aos objetos. É como pregar uma etiqueta numa coisa. Pois toda significação está em relação interna com sua explicação e sua compreensão.

Para Wittgenstein a linguagem não é o resultado do estabelecimento de qualquer espécie de relação cognitiva entre um sujeito individual e autônomo e a sua experiência interior e solitária. Essa relação supõe a pré-existência de uma linguagem no seio da qual essa proposição possa adquirir sentido.

Quando se mostra a alguém a figura do rei no jogo de xadrez e se diz: “Esse é o rei do xadrez”, não se elucida por meio disso o uso dessa figura, a menos que esse alguém já conheça as regras do jogo, até esta última determinação: a forma de uma figura de rei. Pode-se pensar que já aprendera as regras do jogo, sem que se lhe tenha mostrado uma figura real. A forma da figura do jogo corresponde aqui ao tom, ou à configuração de uma palavra. (Ludwig, 1975, § 31).

O uso das palavras é aprendido de forma diferente como por exemplo: “apontar esta coisa” ou “apontar aquela cor”. Nesse caso há evidências e maneiras de apontar características.

Na relação entre nome e denominado entre muitas outras coisas, também consiste no fato de que ao ouvir um nome evoca-se a imagem do denominado perante a alma. Consiste também no fato de que o nome este escrito sobre o denominado, ou em que o nome é pronunciado quando se aponta para o denominado.

Se digo a alguém, sem qualquer elucidação: “O que vejo diante de mim é composto”, então esse alguém perguntar-se-me-á com razão: “Que quer você dizer com ‘composto’? Isso pode significar todas as coisas possíveis!” A pergunta “O que você vê é composto?” certamente tem sentido, se já está estabelecido de que espécie de ser composto – isto é, de que uso especial dessa palavra – se trata. Se tivesse sido estabelecido que a imagem visual de uma árvore deve chamar-se “composta”, quando se vê não apenas um

tronco, mas também ramos, então a pergunta “A imagem visual dessa árvore é simples ou composta?” teriam um sentido claro – um emprego claro. E a resposta à segunda pergunta não é naturalmente “Os ramos” (isto seria uma resposta à pergunta gramatical: “O que se chama aqui de ‘partes constituintes simples?’”), mas sim, por exemplo, uma descrição dos diferentes ramos. (Ludwig, 1975, § 47).

A palavra “composto” é usada de diversos modos aparentados uns com os outros. Pois há diferentes possibilidades para um jogo de linguagem, diferentes casos para os quais um signo denomina, no jogo, um quadrado desta daquela cor. O jogo é jogado segundo uma regra determinada. A regra pode desempenhar o papel de auxílio no ensino do jogo.

Aquilo que corresponde ao nome e sem o qual este não teria significação é, por exemplo, um paradigma que é usado no jogo de linguagem em combinação com o nome.

“Quero chamar ‘nome’ apenas aquilo que não pode estar na combinação ‘X existe’. – E assim não se pode dizer ‘o vermelho existe’, porque, se o vermelho não existisse, não se poderia falar absolutamente nada dele”. – Mais corretamente: Se “X existe” deve significar tanto quanto “X” tem significação, - então não é uma frase que trata X, mas sim uma frase sobre o nosso uso da linguagem, a saber o uso da palavra “X”. (Ludwig, 1975, § 58).

Pois os nomes somente designam aquilo que é elemento da realidade. Pode-se imaginar um jogo de linguagem onde são dadas ordens para alguém trazer ou movimentar certas coisas compostas de várias partes.

Não posso caracterizar melhor essas semelhanças do que com a expressão “semelhanças de família”; pois assim se envolvem e se cruzam as diferentes semelhanças que existem entre os membros de uma família: estrutura, traços fisionômicos, cor dos olhos, o andar, o temperamento, etc., etc. – E digo: os “jogos” forma uma família. (Ludwig, 1975, § 67).

Os jogos formam uma família no sentido que todos têm algo em comum, porém a disjunção de cada peça dessa família, cada membro, assim não haveria algo em comum e sim peças particulares e cada uma com uma regra particular. Portanto, não podendo ser igual em alguns traços e não podendo participar do mesmo jogo, da mesma regra.

Existe um parentesco entre os jogos de linguagem. Algo que é comum entre eles. Nos jogos de tabuleiro há semelhanças, bem como nos jogos de cartas e bola. Existe uma rede complicada de semelhanças, que se envolvem e se cruzam mutuamente, pois todos têm algo em comum.

“Mas então o emprego da palavra não está regulamentado; o ‘jogo’ que jogamos com ela não está regulamentado”. Ele não está inteiramente limitado por regras; mas também não há nenhuma regra no tênis que prescreva até que altura é permitido lançar a bola nem com quanta força; mas o tênis é um jogo e também tem regras. (Ludwig, 1975, § 68).

Não deve haver hipóteses nas descrições. Toda explicação deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. Para Wittgenstein o papel da filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do entendimento pelos meios da linguagem. A linguagem é algo único. Salienta que a filosofia não deve tocar no uso efetivo da linguagem, mas sim em último caso

apenas descrevê-lo. Pois a filosofia deixa tudo como está. Também chama de filosofia tudo o que é possível antes de qualquer nova descoberta e invenção. Quando se fixa uma regra, uma técnica para um jogo e quando se segue tais regras, há um aprisionamento nas próprias regras estabelecidas.

Só podemos evitar a injustiça ou o vazio de nossas afirmações, na medida em que apresentamos o modelo como aquilo que ele é, ou seja, como objeto de comparação – por assim dizer, como critério -; e não como pré-juízo, ao qual a realidade deva corresponder. (O dogmatismo, no qual tão facilmente caímos ao filosofar). (Ludwig, 1975, § 131).

Para Wittgenstein não se pode falar de alguma coisa, mas deve-se mostrar ‘a coisa’ justamente para evitar a criação de realidades e cair no dogmatismo filosófico. Pois quando se usa a linguagem, ela sempre tem que estar ligada a realidade. Na linguagem deve haver clareza completa. Na filosofia não há um método, mas métodos, como que terapias diversas.

A regra ensina o que fazer em cada momento. Através da interpretação juntamente com o interpretado. As interpretações não determinam sozinhas as significações. Seguir uma regra, dar uma ordem, jogar uma partida de qualquer jogo, são hábitos, costumes. Pois quando se compreende uma frase, isto quer dizer que se compreende uma linguagem. E quando se compreende uma linguagem, isto quer dizer que se compreende uma técnica.

A linguagem é um labirinto de caminhos. Você entra por um lado e sabe onde está; você chega por outro lado ao mesmo lugar e não sabe mais onde está. (Ludwig, 1975, § 203).

Há a necessidade de se conhecer bem a regra de cada jogo, para não acabar caindo no labirinto da linguagem. Para isso é necessário compreender o valor atribuído a cada palavra quando se joga um jogo. Somente assim não cairá no enfeitiçamento da linguagem.

Sendo assim, a regra selada com uma significação determinada, traça o caminho a ser seguido por todo o espaço. Seguir uma regra é o mesmo que seguir uma ordem. As pessoas são treinadas para agirem assim. Portanto, o modo de agir que é comum a todos os homens é o sistema de referência, por meio do qual se interpreta uma linguagem desconhecida.

Imaginemos que as pessoas naquele país executassem atividades humanas habituais, e, ao fazê-lo, se utilizassem, ao que tudo indica, de uma linguagem articulada. Se observarmos suas atividades, é compreensível que nos pareçam ‘lógicas’. Se tentamos, porém, aprender sua língua, vemos que é impossível. Pois entre elas não existe nenhuma conexão regular do que é falado, dos sons, com as ações; contudo esses sons não são supérfluos; pois se amordaçamos, por exemplo, uma dessas pessoas, este fato terá as mesmas consequências que tem para nós: sem aqueles sons, suas ações se tornariam confusas – se podemos dizer assim. (Ludwig, 1975, § 207).

Não se pode dizer que essas pessoas possuem uma linguagem, ordem e comunicação, pois para que haja uma linguagem é necessária uma regularidade. Há a necessidade de relações dos sons produzidos com aquilo que é falado. Para as pessoas que falam outra língua, sendo esses sons produzidos referentes ao que é falado, esse país só poderá compreender o que eles falam através de exemplos correspondentes com as palavras. Para que haja um acordo e compreensão através da linguagem e preciso um acordo sobre os juízos e também sobre as definições.

Quando penso na linguagem não me pairam no espírito ‘significações’ ao lado da expressão linguística; mas a própria linguagem é o veículo do pensamento. (Ludwig, 1975, § 329).

Somente aquele que domina o emprego de uma linguagem possui a significação - expressão linguística – dessa linguagem. Mesmo com a dissolução do sentido a palavra tem sua exatidão.

Referências

- FANN, K. T. El concepto de filosofía en Wittgenstein. Editorial Tecnos. 2 ed. 1992.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. São Paulo: Nova Cultural, 1975.